

NESTA EDIÇÃO, ENCARTADO NO JORNAL DA FAMÍLIA, O FASCÍCULO 16 DO GUIA DA VIDA SAUDÁVEL

O GLOBO

Fundador: IRINEU MARINHO

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 7 DE JANEIRO DE 1996 - ANO LXXI - Nº 22.690

Presidente: ROBERTO MARINHO

Escolas usam alunos fantasmas em fraude

Com o golpe, colégios conseguem verba do salário-educação

• Escolas particulares do Rio têm apresentado ao Governo listas de alunos fantasmas para ganhar, fraudulentamente, dinheiro do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. O número de bolsistas fantasmas pode passar de 20 mil em todo o estado. Para conseguir a verba do FNDE, o

Instituto Modelar, em Caxias, por exemplo, informou ter capacidade para 1.191 alunos, 395 beneficiados por bolsas. O GLOBO foi ao colégio e constatou que, além de não funcionar no endereço oficial, ele só tem cinco salas, onde não cabem mais de 30 crianças. **Páginas 34 e 35**

País terá mais dinheiro do exterior em 96

• O Brasil vai atrair, em 1996, ainda mais recursos do exterior, ultrapassando o que entrou ano passado. Segundo especialistas, o controle da inflação, a estabilidade econômica e a perspectiva de alta rentabilidade vão fazer com que o país tenha este ano uma captação líquida de US\$ 17 bilhões em investimentos diretos e indiretos. Uma estimativa 34% maior que o total da captação em 1995. **Páginas 40 a 44**

Poder atrai a prostituição em Brasília

• Mais de 30 agências exploram abertamente a prostituição em Brasília. Os classificados dos jornais locais estão repletos de anúncios. A polícia reclama que a maior dificuldade para reprimir o comércio do sexo está em sua clientela, constituída em parte por autoridades, políticos e executivos.

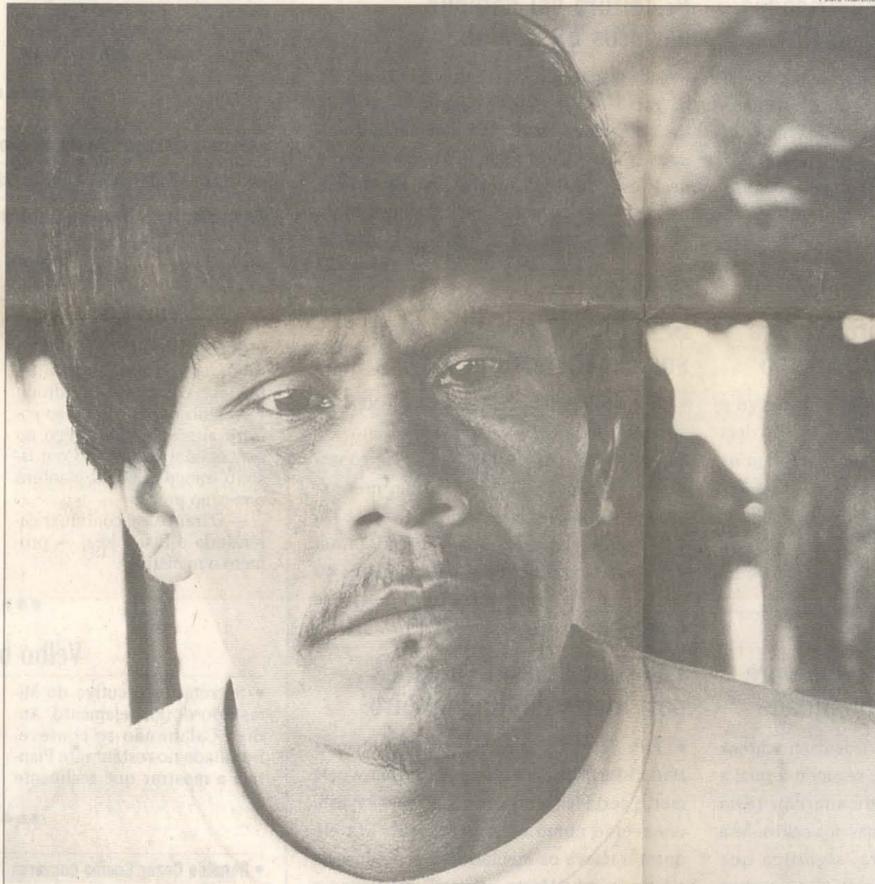
— O Congresso, por exemplo, é um Estado independente — diz a delegada de Costumes. **Páginas 10 e 11**

Erro humano é ameaça aos vôos nos EUA

• O erro humano é responsável por 80% dos acidentes aéreos nos Estados Unidos. Mas por trás das falhas humanas está todo um sistema comprometido por problemas como defeitos nos equipamentos, negligência das companhias aéreas e relaxamento das normas oficiais de segurança, que contribuem para deixar os vôos mais inseguros. **Página 50**

A saga dos índios gigantes

Fotógrafo registra a decadência dos guerreiros krain-a-kore



Pedro Martinelli



ENVELHECIDO E trêmulo, o índio Sôkríd segura uma foto sua, feita há 23 anos, quando era um guerreiro temido

• Vinte e três anos depois de ter testemunhado o primeiro contato com os temidos krain-a-kore, índios arredios de Mato Grosso, O GLOBO

volta à selva e documenta a mudança e a decadência de um povo. O fotógrafo Pedro Martinelli, que capturou as primeiras imagens dos "guer-

reiros gigantes", reencontra os personagens de sua maior aventura, que será contada hoje e nos próximos dois dias. **Páginas 12 e 13**

JORNAL DA FAMÍLIA



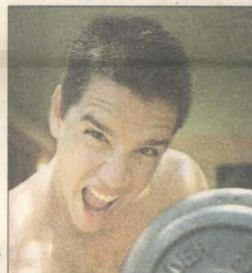
Art Lago

A RAINHA dos baixinhos pode comprar esperma por apenas R\$ 1 mil

Polêmica: Xuxa não precisa de um homem para engravidar

REVISTA DA TV

Unanimidade entre as mulheres terá um programa próprio na TV Globo



Gabriel de Paiva

MÁRCIO FARÁ "Ponto a ponto"

SEGUNDO CADERNO

Jece Valadão: o machão e a maconha no Cinema Novo

CHICO

COMO RESPONDER ÀS GRANDES QUESTÕES DA NACIONALIDADE: I - AONDE VAMOS?



ckw

1ª EDIÇÃO

Circulam com esta edição os jornais de Bairro para Zona Oeste, Baixada, Niterói e Ilha

Pregão deste exemplar no Estado do Rio de Janeiro:

R\$ 1,50

Classificados para o Grande Rio e assinantes: Cadernos: Boa Chance, A, B e C = 68 páginas 12 cadernos: 178 páginas

KRAIN-A-KORE: A história de um povo contada pelas lentes de um fotógrafo, vinte e três anos depois do primeiro contato



OLHOS FIRMES, armas descansadas, Sôkrid observa a aproximação de Orlando e Cláudio Villas Boas. Essa foi a primeira imagem revelada de um índio krain-a-kore. O contato teria início logo em seguida. Sôkrid nunca mais seria o mesmo

Guerreiro gigante contra extinção

Duas décadas depois, a selva virou um pasto e os krain-a-kore se distanciaram de sua cultura

Ascânio Seleme (texto) e Pedro Martinelli (fotos)

• Na manhã de 9 de fevereiro de 1973, a história de um povo indígena começava a ser contada. Depois de 430 dias em busca da tribo, os irmãos Orlando e Cláudio Villas Boas finalmente faziam contato com os índios gigantes do Mato Grosso. A partir daquele dia, os temidos krain-a-kore seriam pacificados pelos dois sertanistas. Os índios estavam no meio do caminho de uma das estradas que o Governo resolvera abrir para integrar a Amazônia: a Cuiabá-Santarém. Para impedir confrontos entre os trabalhadores que construíam a estrada e os índios gigantes, a Funai chamou os irmãos Villas Boas para o que seria sua última missão. O fotógrafo Pedro Martinelli acompanhou, para o GLOBO, cada passo da expedição e todos os detalhes do primeiro contato. Três dias depois, o jornal publicava a história documentada por ele e escrita pelo repórter Etevaldo Dias. As imagens jamais saíram da cabeça de Pedro Martinelli. No início do ano passado, ele resolveu reencontrar os personagens de 1973. Largou o emprego de diretor do Estúdio Abril, em São Paulo e dirigiu três mil quilômetros numa caminhonete Toyota. O GLOBO começa hoje a contar esse reencontro, e prossegue nas edições de amanhã e terça.

— Eu era um menino quando O GLOBO me mandou para o Mato Grosso. Aos 22 anos, fiz a maior reportagem da minha vida — diz Pedro. Por rios e matas dos índios gigantes, Pedro conheceu e registrou com sua câmera Nikon F os costumes dos sertanistas e dos 26 índios caiabi e txucarramãe que compunham a expedi-

ção. Naquela manhã de 1973, Pedro estava em pé numa canoa que navegava lentamente ao lado de outro minúsculo barco que atravessava o Rio Peixoto de Azevedo em direção à outra margem onde dois jovens krain-a-kore acompanhavam atentos a aproximação:

— Eu estava excitado. Do outro lado do rio, pela primeira vez, os krain-a-kore não se escondiam e não corriam dos estranhos.

A primeira foto disparada captou, entre árvores e arbustos, a imagem de um homem musculoso, pintado de preto, que olhava fixamente para a lente do fotógrafo. Era Sôkrid. Ele não se mexia. Esperava inquieto, ansioso. Em uma das mãos, o arco e as flechas pendiam sem ameaça.

— Aquele homem ali parado, me olhando, esperando a aproximação de Cláudio e Orlando, marcou a minha vida. Muito tem-

po depois daquele encontro, acompanhei guerras, golpes de estado, mas nada tirava da minha cabeça a imagem de Sôkrid, seu olhar fixo. Sôkrid era a minha imagem.

Em outubro, quase um ano depois de iniciar a nova aventura, Pedro encontraria Sôkrid. Desembarcou numa aldeia do Xingu em companhia de Bedjái, um caiabi que acompanhara a expedição. Com uma dúzia de fotos nas mãos, Martinelli procurou um dos velhos krain-a-kore e perguntou pelos seus personagens.

— Eu temia não encontrar Sôkrid e comeci mostrando outras fotos. Akê, um jovem líder em 1973, estava vivo, era o chefe da aldeia. A menina Teseya virou uma senhora cheia de filhos. Outros morreram. Quando mostrei a última foto ao velho índio, ele sorriu: "Sôkrid... tá pescando".

Pedro emocionou-se. Até então, sequer sabia o nome do seu personagem.

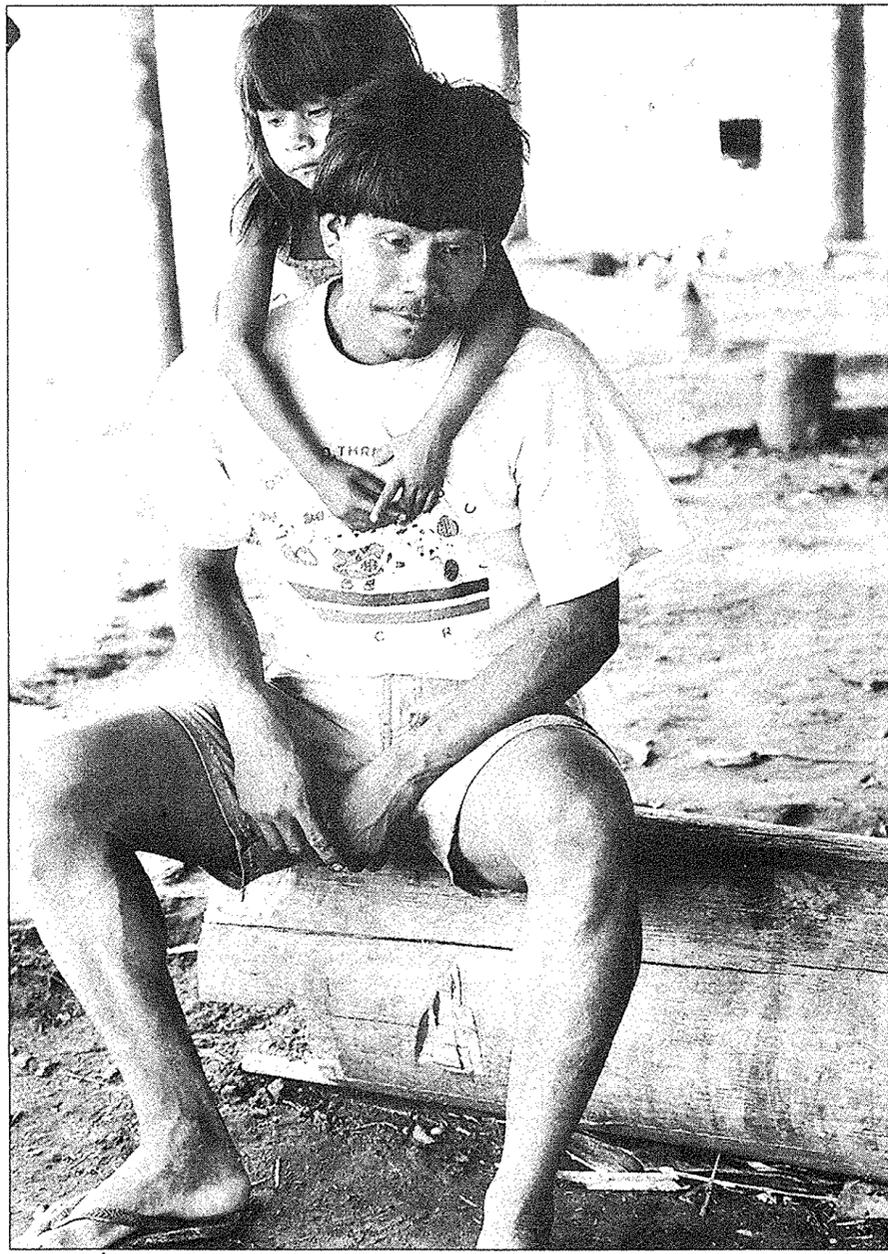
Uma hora depois, Sôkrid entra na aldeia e surpreende Pedro. O jovem guerreiro visto uma única vez, às margens de um rio no Mato Grosso, era agora um velho de olhos cansados, inibido. Outro choque: o corpo sem tinta preta de jenipapo vestia calção Adidas e camiseta com inscrições em inglês. Nos pés, sandálias havaianas.

— O índio que nos recebeu falou com Sôkrid e apontou para mim. Ele caminhou em minha direção e me abraçou.

No ano passado, Pedro Martinelli passou mais de seis meses perambulando pela Amazônia. Comprou um barco de 13 metros, o "Taba", e o ancorou em Belém do Pará. O barco é equipado com rádio, TV e ar condicionado. Nele, o inquieto fotógrafo navega os rios da Amazônia em busca de novas histórias. ■



FAC SIMILE da capa do GLOBO de 11 de fevereiro de 73



VINTE E TRÊS anos depois, Sôkrid é abraçado por um de seus oito netos. Os olhos já não guardam a mesma firmeza

KRAIN-A-KORE: A inédita expedição dos irmãos Villas Boas percorreu o Rio Peixoto de Azevedo numa aventura de 430 dias



COMEÇA A SAGA: A expedição dos Villas Boas, na última missão que a Funai lhes deu, chega ao Rio Peixoto de Azevedo

• DURANTE 430 dias, os irmãos Orlando e Cláudio Villas Boas, os 26 índios de sua equipe desbravadora e poucos jornalistas atravessaram rios e igarapés de Mato Grosso. Seguiram as trilhas

deixadas pelos arredios krain-a-kore e deixaram presentes. Diferentes e exóticos, só na cor da pele, na barba e nos cigarros e charutos que fumavam sem parar. A expedição, segundo Orlando,

foi uma das "mais magníficas aventuras" da sua vida. O Rio Peixoto de Azevedo, para o fotógrafo Pedro Martinelli, foi o cenário da última grande história brasileira

A estrada que cortou a terra dos índios ao meio

Uma previsão feita pelo sertanista Orlando Villas Boas se confirma: os selvagens perderam a pureza

• A expedição dos irmãos Villas Boas partiu da Serra do Cachimbo em direção ao Rio Peixoto de Azevedo nos primeiros dias de janeiro de 1972. A comitiva era composta por Cláudio, Orlando, 26 índios caiabi e txucarramãe, os fotógrafos Pedro Martinelli, do GLOBO, e Luigi Mamprin, da revista "Realidade", e pelo repórter Etevaldo Dias. Desde o final de 1972, o grupo estava sendo preparado para a expedição, que antecedia um Batalhão de Engenharia e Construção do Exército e 300 trabalhadores que construíam a Cuiabá-Santarém.

Nos dias seguintes ao primeiro contato, alguns krain-a-kore visitaram o acampamento da expedição. Mais tarde, depois da partida dos irmãos Villas Boas, o sertanista Apoena Meireles visitou meia dúzia de aldeias. Pedro recebeu os visitantes e acomodou Apoena. Os "gigantes ferozes" eram amáveis e brincalhões:

— Eles pegavam na minha barba, riam alegremente. Mexiam na nossa cozinha. Faziam comentários entre eles sobre nós. Coisa que naturalmente não entendíamos. Nos comunicávamos por gestos e mímicas.

O pajé Kretôn foi único que Pedro nunca viu sorrir. Seu ar grave significava autoridade. O fotógrafo percebeu o poder da hierarquia entre os gentis gigantes. Se os adultos logo passaram a inspirar confiança, as crianças imediatamente viraram amigas dos poucos brancos da expedição. A menina Teseya, que Pedro reencontraria 23 anos depois, passava os dias no acampamento. Com um macaquinho no ombro, conversava com Pedro e ria das respostas porque nada entendia.

Cláudio e Orlando eram líderes de uma afiada equipe de índios que construía seus próprios barcos e abria campos de pouso.

— Foram meses de luta no meio da selva. Em alguns momentos, ficávamos tão isolados que chegava a faltar comida para a expedição. Nada disso, nem mesmo o trabalho excessivo abalava Cláudio e Orlando, dois homens formidáveis, os maiores mestres da sua geração — diz Pedro.

Os krain-a-kore foram vistos pela primeira vez em 1949, quando Orlando, Cláudio e Leonardo Villas Boas construíam uma pista de pouso para a FAB na Serra do Cachimbo. Durante dez meses, os três irmãos e seus dois ajudantes foram seguidos por grupos de índios arredios e distantes. Nesse período, oito aldeias foram identificadas. Nenhum contato foi estabelecido. Em 1961, o geógrafo inglês Richard Mason foi morto a flechadas. Em 1966, o sertanista Francisco Meireles tentou, sem sucesso, fazer a atração.

— Já em 1949 sabíamos que o encontro seria inevitável. Eles eram puros, mas não permaneceriam assim o resto da vida. Uma pena — diz Orlando Villas Boas.

• AMANHÃ, "A ALDEIA DE GIGANTES VIROU MATUPÁ"



O PRIMEIRO ACENO: Na ponte de madeira, os sertanistas fazem sinais para a tribo

• VILLAS BOAS: Os dois irmãos impressionaram os participantes da expedição e marcaram os krain-a-kore. O cacique Akan, hoje o mais importante chefe da tribo, diz que foram os dois

funcionários da Funai que "amansaram" o seu povo. Ele diz que nunca esquecerá o dia em que se despediu de Cláudio e Orlando. — Em seguida, o mundo acabou — conta.



PRODUÇÃO NATIVA: A equipe faz-tudo

• OS BARCOS eram construídos pelos próprios integrantes da expedição. E a madeira preferida era o mogno. Cada árvore derrubada dava origem, sempre, a duas canoas



ERRO TERRÍVEL: Os índios reagem

• O TRABALHADOR Aureliano Bispo de Oliveira é flechado pelos krain-a-kore depois de atirar nos índios. Com isso, é responsável pelo atraso da expedição em Mato Grosso